

A HORA E A VEZ DOS MESTRES POPULARES DA CULTURA

Josias Pires
Vanusa Mascarenhas

Folclore, cultura popular, patrimônio imaterial e intangível – todas estas expressões inventadas por estudiosos tentam dar conta de fenômenos multifacetados, dinâmicos, vivos e presentes nos grotões e nas metrópoles, que desafiaram a inteligência e encharcaram de emoção intelectuais e poetas do porte de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Renato Almeida, Edison Carneiro, Artur Ramos e tantos outros notáveis e centenas para não dizer milhares de pesquisadores e professores em todos os cantos do Brasil. Expressões populares da cultura contemporânea – e aqui devemos repetir com Simon de Beauve que “somos contemporâneos dos milênios” – que até hoje nos desafiam. Afinal, as criações populares instigam-nos a pensar sobre o nosso lugar no mundo, a nossa relação conosco mesmo e com os contemporâneos.

Para além da nomenclatura é inegável que o saber popular constitui manifestações culturais altamente sofisticadas, cujas estruturas são reelaboradas e recriadas, inclusive, a partir de manifestações antes praticadas pelas classes ditas altas, como se vê com as marujadas e as cheganças de mouros e marujos, realizadas em barcos reais e/ou imaginários, costume que se generalizou a partir de um teatro da corte de Portugal durante as grandes navegações marítimas. Ou com a personagem da umbanda, Maria Padilha e toda a sua quadrilha, referência direta a uma plebéia amante do Rei, que se casou secretamente com ela e aclamou-a rainha da Espanha.

Hermano Vianna, na esteira de Stuart Hall e outros antropólogos, lembra que estes são fenômenos conhecidos como “circularidade” dos símbolos culturais. Tal dinâmica renova e ressignifica os sentidos dessas expressões culturais, que permanecem como referências artísticas, antropológicas, sociológicas e históricas, portanto são capazes de acionar diversificados mecanismos de identificação, potencializando a gestação de incontáveis discursos, inclusive aqueles utilizados para a constituição de nacionalidades, que se definem a partir de locais específicos e de regiões culturais, que historicamente constroem os seus patrimônios culturais.

Neste momento, saídos do XIV Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Vitória (ES) semana passada (23 a 29/11), tornamo-nos obrigados a cumprir esta pauta, a segurar a bandeira dos Reisados e Congados, dos Bois e Burrinhas, das carrancas do São Francisco e das cerâmicas de potes e de tropas nas estradas do Cariri, Caruaru, Serra do Teixeira e tantos outros lugares de onde brotam artistas do povo. A pauta são os mestres populares. Aqueles que detêm o saber fazer, a memória social da comunidade e das suas tradições e capacidades inventivas.

Propomos atuação em algumas frentes. Uma delas é a proposição de uma lei garantindo remuneração aos mestres em troca de serviços de ensino em escolas públicas de todo o estado, como já ocorre no Rio Grande do Norte e outros estados brasileiros. Mas se esta frente é importante, acreditamos ser ainda mais necessário percebermos que devemos avançar no diálogo com o Estado para a formulação, gestão e controle social das políticas públicas, e para isto é indispensável o fortalecimento político-cultural dos grupos e organismos do mundo popular. Daí a necessidade de pautar o debate sobre a constituição de uma rede popular de cultura, autônoma e descentralizada.

A montagem de um sistema nacional/estadual/municipal de cultura é um arcabouço valoroso, mas o conteúdo da ação em cada lugar é uma batalha decisiva.

Jogar luz sobre os mestres populares, adotar uma perspectiva popular, alinhar propostas aliando várias possibilidades de atuação, inclusive a absorção das "variáveis tecnológicas", tendo em vista o papel decisivo do audiovisual como viabilizador de tradições, como um forte aliado para ressignificar os processos culturais e todos os seus elementos.

As práticas culturais populares sempre se movimentaram no sentido da incorporação das diferenças, do novo, inclusive das tecnologias (cordel, cantoria, por exemplo), da escuta, do diálogo e da reinvenção. Acreditamos que um dos desafios é compreender isso e permitir que nos espaços que criamos para que esses diálogos interculturais aconteçam, os fazedores de cultura não só nos apresentem suas lógicas de organização e fabricação cultural, mas nos mostrem como fazer com que elas minem a nossa lógica de gerir esse processo.

Assumamos uma postura dialógica mesmo, descentrando inclusive o nosso lugar de fala, dividindo a cena com esses atores. Assumindo, inclusive, as enormes dificuldades de comunicação e parceria com os mesmos como se vê na parafernália dos editais inacessíveis à maioria do mundo popular. Uma postura dialógica poderá render frutos duradouros. Isso perpassaria todos os espaços, inclusive a escola.

No mundo popular, cada “pequeno mundo” constitui-se como uma espécie de “ponta de rama” de árvores cujos troncos são ancestrais. Por isso mesmo, uma festa, um folguedo, um ritual, uma dança, um drama, uma arte gráfica, um objeto de formas tradicionais e as pessoas que detém o saber fazer tais coisas são portais para o conhecimento profundo da história e da vida daquele lugar, mas não apenas do lugar, pois o que vemos no local é a expressão singular de formas plurais, que se encontram em muitos lugares.

A fonte popular deve servir não apenas para jorrar conhecimento para todos aqueles que nela queiram beber, mas deve ser vista como tesouros humanos vivos que aguardam pelo reconhecimento de que somos devedores. Defendemos uma ação sistemática no sentido de proteger, cuidar e manter mestres populares da cultura. Nos currículos escolares, nas leis e nas ações dos governos devem entrar o conhecimento, a reflexão e o compromisso com a difusão dos valores populares encarnados por esses mestres. Sabedoria que deve estar disponível em cada escola/ponto/centro/grupo de cultura do lugar.

Os mestres e mestras precisam ser reconhecidos como autoridades locais, pessoas cujas histórias de vida devem ser registradas e divulgadas, cujo saber deve ser difundido para o conhecimento das atuais e futuras gerações. E por esse serviço prático e simbólico eles devem ser remunerados.

As disputas, os conflitos e as negociações simbólicas nos espaços urbanos produzem impactos sobre a permanência da perspectiva popular na elaboração e transformação cultural desses espaços. Fortemente influenciada pela mídia e por experiências simultâneas de milhares de grupos sociais distintos, a produção simbólica nas cidades tende sempre ao hibridismo, refazendo nas circunstâncias atuais processo de hibridização ocorrido durante a formação das culturas brasileiras, que nos primeiros quatro séculos reuniram/fundiram/sincretizaram/sintetizaram/mixaram a contribuição

milionária de todos os sons, cores, crenças e valores de homens e mulheres dos continentes africano, europeu e americano.

Nas condições atuais, a produção simbólica popular continua sendo fonte/insumo para as mais diversas apropriações estéticas, mercadológicas, acadêmicas, etc. ao tempo em que os mestres e praticantes do saber fazer a arte popular permanecem à margem de benefícios básicos. Muitos deles morrem à míngua, como ocorreu com mestres do porte de Pastinha e Bimba.

Conceber e executar políticas para reconhecer e valorizar os mestres populares da cultura devem levar em conta a necessária articulação das políticas culturais com as demais políticas públicas. Urge superar a fase da afirmação de políticas específicas e buscar fazer políticas integradas. Articular as políticas públicas. As questões que atormentam o cotidiano do mestre do samba de roda têm a ver com a falta de renda, as condições da moradia, saneamento, saúde, educação dos filhos e netos, enfim, das políticas globais do estado, que precisam estar articuladas em benefício das populações.

A cultura é dimensão essencial tal como as demais dimensões existenciais.

Atuar no campo da cultura requer inteligência para as inúmeras potencialidades dos bens simbólicos, inclusive como fator de desenvolvimento regional, desenvolvimento humano. Um terno de reis numa comunidade tende a ser fator de coesão social, afirmação local, da auto-estima, reiteração de uma capacidade criativa, inventiva e tradicional. Os poderes públicos, ao invés da imposição de procedimentos burocráticos para se relacionar com as expressões culturais populares, precisam ir até a fonte e apreenderem os significados contidos nesse patrimônio cultural e desenvolver iniciativas que propiciem articular vários níveis de contatos entre o patrimônio e o desenvolvimento local.

Os mestres podem dizer como fazer isto. Cabe aprender a falar a linguagem dos mestres.

As formas populares são matrizes. Mário de Andrade já disse: no Brasil o valor do bem simbólico “tradicional” relaciona-se ao processo criativo e não ao tempo cronológico em que ele é praticado. São os modos de fazer um martelo agalopado, uma panela de

barro, um samba de roda que definem o valor cultural desses bens e não a sua suposta remota ou recente antiguidade.

Desburocratizar o diálogo, desamarrar cada nó desta longa teia tecida há séculos. Hoje uma das palavras de ordem é a sustentabilidade. São inúmeras as possibilidades de financiamento e manutenção das manifestações populares. Com a perícia necessária para não matar a galinha dos ovos de ouro é possível e necessário fazer da arte e cultura de cada lugar um suporte de geração de trabalho e renda – na educação, no trabalho, no lazer, etc. A gestão deve ser compartilhada. Um modelo de gestão integrando as ações dos poderes públicos e da sociedade civil e que esta seja autônoma, de voz ativa considerada no concerto das decisões. Vemos o papel do Estado como articulador e estimulador de iniciativas com a sociedade civil para a gestão dos recursos e das políticas públicas. Políticas de gabinete são incapazes de dar conta da diversidade e complexidade da vida real. As expressões populares da cultura apontam para a participação social, tem a dizer sobre o aperfeiçoamento da democracia, no sentido da implantação de uma democracia participativa no Brasil, com a audiência plena da voz popular e não apenas da voz das eternas elites econômicas, culturais e intelectuais.